

MERCADO

Especialistas apostam em redução de 0,5 ponto percentual na taxa básica na próxima reunião do Copom. Previsão é de Selic de 10,5% em dezembro

194

Dólar em baixa facilita queda maior dos juros

VICENTE NUNES
E EDNA SIMÃO

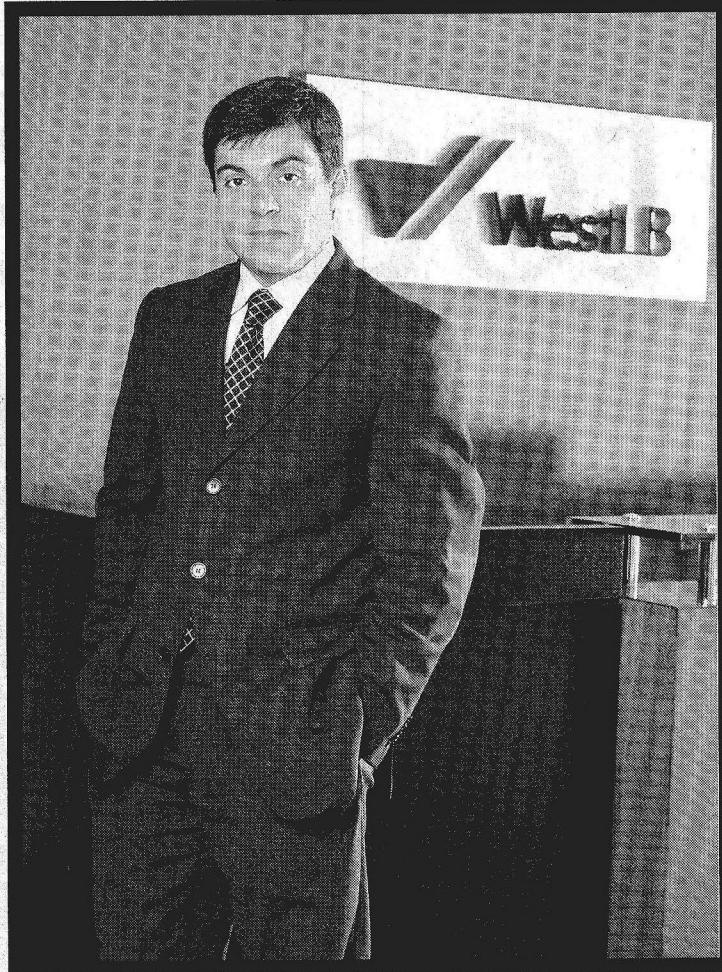
DA EQUIPE DO CORREIO

A expectativa de que o dólar continue abaixo de R\$ 2 nas próximas semanas consolidou as apostas do mercado de que o Banco Central acelerará o processo de queda da taxa básica de juros (Selic). A grande maioria das instituições prevê que a Selic baixará 0,5 ponto percentual na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), marcada para os dias 5 e 6 de junho. "Com o dólar nos níveis atuais, os riscos inflacionários são mínimos. Há, inclusive, chances de a inflação encerrar o ano próxima do piso da meta prevista pelo governo, de 2,5%", destacou o economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luís Otávio de Souza Leal.

A confiança é tamanha que, das quatro reuniões previstas para o Copom no segundo semestre do ano — julho, setembro, outubro e dezembro —, os analistas prevêem mais dois cortes de 0,5 ponto e outros dois de 0,25, fazendo com que a Selic, hoje em 12,5%, caia para 10,5%. "O quadro é tão favorável que o BC poderia diminuir até três pontos dos juros de uma única vez e, ainda assim, a inflação continuaria dentro da meta. Esse corte mais radical seria, por sinal, a única forma de o BC estancar, rapidamente, o forte processo de valorização do real frente ao dólar", afirmou Leal. "Mas não há a menor possibilidade de o BC fazer isso", reconheceu.

Para Roberto Padovani, estrategista-chefe do Banco WestLB, o que ajudará a manter a inflação no chão serão os produtos importados, cada vez mais baratos diante do derretimento do dólar. Na última reunião do Copom, em abril, três dos sete diretores que votaram por uma redução de 0,5

Marisa Cauduro/Divulgação



PADOVANI, DO WESTLB: IMPORTAÇÕES AJUDAM A MANTER INFLAÇÃO EM QUEDA

ponto da Selic argumentaram que os efeitos positivos das importações sobre a inflação estavam sendo maiores do que o previsto. E, com o dólar abaixo de R\$ 2, dificilmente esses três diretores mudarão de voto. Mas para que essa posição se torne majoritária, o novo diretor de Política Monetária do BC, Mário Torós, terá de seguir a mesma linha de raciocínio, o que o mercado dá como certo.

A grande dúvida do mercado é sobre a força do consumo, conforme mostrou ontem o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No acumulado dos 12 meses terminados em março,

as vendas do comércio computaram aumento de 7,3%, uma taxa de crescimento chinesa. O Copom, disse Zeina Latif, economista-chefe do Banco Real ABN Amro, pode entender que o consumo está aquecido demais, um perigo para a inflação, já que estimula a remarcação de preços para a recomposição de margens de lucros. Os dados do IBGE mostraram, no entanto, que parte das vendas do comércio foram sustentadas por produtos importados. "Certamente, o dilema do Copom será grande. E não descarto um corte de apenas 0,25 ponto da Selic", frisou Zeina.

DOIS ANOS NA FILA

Depois de elevar a classificação de risco do Brasil de BB para BB+, um degrau abaixo do grau de investimento, a agência Fitch considerou improvável que o país suba de patamar antes de 2009. Apesar da valorização do real diante do dólar e do fortalecimento das reservas cambiais, falta uma melhora nas contas públicas. A informação é do diretor-executivo da Fitch no Brasil, Rafael Guedes, e frustra a expectativa de autoridades da área econômica do governo e também de parte dos analistas de mercado. Guedes listou outras quatro medidas de difícil implementação no curto prazo: redução dos déficits da Previdência, melhoria das condições de investimentos, com redução da carga tributária; maior autonomia às agências reguladoras; e a independência jurídica do Banco Central.